

# A História, a Codicologia e os Reclames

Para o estudo da História são desejáveis conhecimentos de diversas ciências auxiliares.

Um grande número de historiadores estuda documentos ou objetos antigos, fazendo análises e comparando suas informações com outras já sabidas, desenvolvendo a partir daí o seu trabalho. Fazem uma pesquisa minuciosa acerca dos documentos, que culmina numa análise numismática, esfragísitica, heráldica, paleográfica, papiroológica, epigráfica, codicológica e assim por diante.<sup>1</sup>

O foco principal deste artigo é apresentar-lhes brevemente a Codicologia – uma ramificação da Paleografia – e a inserção dos reclames nesta ciência.

As ciências auxiliares estudam questões específicas que, para a História, estão em segundo plano, apesar de ser reconhecido que as estruturas dessas ciências ditas auxiliares potencializam ganhos para o saber histórico.<sup>2</sup>

Podem ser divididas conforme o tipo de questão específica que estudam, sendo classificadas em três grupos principais: objetos, fatos ou circunstâncias e fontes escritas:

- a) objetos: a Numismática (moedas), a Esfragísitica (selos) e a Heráldica (brasões);
- b) fatos ou circunstâncias: a Teologia, a Sociologia, a Etnologia, a Economia Política, a Cronologia (calendários) e a Metrologia (padrões de medida), entre outros;
- c) fontes escritas: a Paleografia, a Papirologia, a Epigrafia e a Codicologia.<sup>3</sup>

A Paleografia foi consagrada por Jean Mabillon (1642-1707), um beneditino francês que, além do estudo dessa ciência, dedicou-se à Diplomática e à Cronologia. Inicialmente, a principal função destes estudos era, digamos, jurídica: servia para provar a autenticidade de documentos, provando, assim, o direito de uma pessoa sobre determinado patrimônio. Grosso modo, ocupa-se da decifração e ordenação de escritos antigos.

Entre o estudo das fontes escritas temos:

---

<sup>1</sup> “Não cabe ao paleógrafo somente ler textos; a ele compete igualmente datá-los, estabelecer sua origem e procedência e criticá-los quanto à sua autenticidade, levando em consideração o aspecto gráfico dos mesmos. Das ciências auxiliares da História, a Paleografia é a mais importante porque ela se dedica ao estudo da escrita sobre material brando, principal fonte de informação do historiador.” In: ACIOLI, V. L. C. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: UFPE/Editora Massangana, 1994, p. 5.

<sup>2</sup> “O documento manuscrito é considerado a mola-mestra da História. É indiscutível que ele proporciona recursos inestimáveis ao historiador, representando o melhor testemunho do passado, fonte direta de informação básica para o estudo da História. A interpretação do fato histórico depende do conjunto de documentos de que se dispõe, do mesmo modo que a interpretação dos documentos históricos depende do conhecimento paleográfico do historiador. Para que o documento seja bem interpretado, é necessário que antes tenha sido bem analisado e criticado sob o ponto de vista paleográfico.” In: ACIOLI, V. L. C. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: UFPE/Editora Massangana, 1994, p. 1.

<sup>3</sup> In: ACIOLI, V. L. C. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: UFPE/Editora Massangana, 1994, p. 6.

- a) Papirologia: o estudo dos papiros, que foi o suporte para escrita mais utilizado na Antigüidade. Esta ciência trata da leitura, conservação e interpretação dos papiros;
- b) Epigrafia: o estudo da escrita em materiais sólidos, como madeira, pedra e metal;
- c) Codicologia: o estudo dos documentos manuscritos ou impressos, em pergaminho ou papel, encadernados em forma de livro (códice).

A Codicologia tem como objeto de estudo o livro manuscrito ou impresso, mas apresenta orientações segundo os objetivos. Interessa ao pesquisador da área conhecer o quadro teórico da ciência codicológica e atender à finalidade essencial do estudo do códice, que é situá-lo de modo a entender a transmissão do texto e a sua funcionalidade de leitura, fixando a atenção particularmente em constituir instrumentos de recuperação do livro e dos fundos de manuscritos.

Alguns tópicos são importantes para a Codicologia:

a) Suportes da escrita medieval (papiro, pergaminho e papel): inicialmente a madeira, casca de árvores, folhas de palmeira, peles de animais, tabuletas de cera e o couro foram utilizados como suportes para a escrita. A revolução para a confecção do livro foi a produção do papiro, que diminuía os problemas apresentados pelo uso de vegetais, madeira e argila. O papiro era de uso exclusivo do Egito até aproximadamente o século VII. Era feito de caule de junco; as lâminas longitudinais e transversais eram coladas e formavam as folhas, geralmente usadas em forma de rolo – portanto os livros eram em rolos, mas também havia os livros quadrados. Este material não era muito resistente e com as novas alternativas de materiais para a escrita, deixou totalmente de ser usado no século XI.

O pergaminho foi o principal material utilizado para a escrita entre os séculos IX e XII na Europa. Era feito de pele de animais, tais como o carneiro, bode, bezerro, etc. Seu preparo é teoricamente simples, mas bastante trabalhoso: deixava-se a pele do animal de molho em água com cal por aproximadamente três dias; depois disso, raspava-se a pele para extrair os pelos e gorduras e, a seguir, para uma raspagem mais refinada, usava-se pedra-pomes; então, sobre uma bancada, a pele secava ao sol. A História afirma que a origem deste suporte deu-se em Pérgamo, pelo rei Euménes II, no século II a.C. Portanto, a origem do nome pergaminho, deve-se ao topônimo Pérgamo. Diz-se que esta invenção deveu-se à proibição do uso do papiro, por Ptolomeu V, do Egito. No entanto, atualmente, consideramos que o que ocorreu foi um aprimoramento da técnica de confecção de suportes para a escrita.

Por volta do século X, as peles de animais possuíam grande valor comercial e eram elementos corriqueiros na vida do homem medieval. Havia, naquele período, o peliteiro, que possuía a função de preparar, curtir e vender as peles. No entanto, as peles por eles preparadas não tinham a finalidade da escrita, mas sim do fabrico de calçado e vestuário. Nos séculos XII e XIII os monges, em seus respectivos mosteiros, eram quem preparavam os pergaminhos para a escrita. Em períodos de falta de pergaminhos, raspavam-se os livros mais antigos para a

reutilização – eram os chamados palimpsestos ou opistografia. Com a indicação dos produtos (tipos de papiro, pergaminho ou papel) produzidos ou utilizados em determinado local e data, indicando-se como eles eram manipulados, podemos ter uma idéia a respeito da economia desta região com o devido apoio da História.

Já o papel, invenção chinesa datada de aproximadamente 100 d.C., chegou à Europa por intermédio dos árabes por volta do século IX. Apesar de já ser conhecido, passou a ser mais amplamente utilizado a partir do século XIV. A utilização do papel deu-se pela dispersão, no século XV, de fábricas pela Europa. O pergaminho, nesta época, apresentava preço pouco acessível.

*b) Scriptorium:* os *scriptoria* eram os locais de trabalho dos copistas (ou escribas), que tinham, inicialmente, duas funções principais: a religiosa e a administrativa – finalidades judiciais, reais, fiscais, etc. Apresentava divisões definidas de tarefas, cada trabalhador tinha sua função específica na composição do códice: um preparava o suporte da escrita, outro cortava este suporte, outro definia os limites dos fólhos e sua justificação (margens), outro trabalhava as capitulares, outro tratava da iluminura e assim por diante. A cópia era uma ação repetitiva e devia-se agir com fidelidade máxima ao texto original.

*c) Instrumentos da escrita:* estilo, cálamo, pena: nos primeiros tempos utilizou-se o estilo – *stilus* ou *graphium* –, que era uma haste de ferro ou mármore com ponta para traçar os caracteres nas tabuletas. Com o tempo, deu-se a utilização do cálamo – *calamus* – que era um pedaço de junco cortado em forma de pena e foi utilizado até o século XIII. A pena de pássaro, geralmente de ganso ou de cisne, também foi bastante usada. Elas eram afiladas e talhadas, isto é, passavam por um processo de endurecimento para que atendessem de forma mais adequada à finalidade de servir de instrumento para a escrita. Pelo menos no ocidente peninsular, a pena foi o instrumento de escrita mais usado.

*d) Códices e encadernações medievais:* a codicologia, conforme já referido acima, trabalha com a descrição técnica e a análise do *codex*, isto é, do códice. O códice é um antecessor do livro.

Os livros de papiro eram em formato de rolo ou quadrados; já os de pergaminho somente podiam ser quadrados, pois as folhas eram um tanto quanto espessas e não eram tão flexíveis como as folhas de papiro. Os códices de pergaminho datam do início da Era Cristã e não eram projetados com o intuito de serem portáteis.

Para a confecção do códice, o pergaminho era cortado em formato padronizado, os fólhos eram atados em conjunto por um lado e formavam os cadernos que, reunidos, formavam o livro, de modo similar ao utilizado hoje. Geralmente, na primeira página de cada um dos cadernos havia uma “assinatura”, que até hoje é usada para indicar onde deve ser feita a dobra e as margens de cada uma das folhas para uma posterior organização dos cadernos para que, finalmente, se

coloque a capa do livro. A assinatura é ou um número ou uma letra, ou ainda, um número e uma letra juntos. Vejamos as gravuras abaixo:

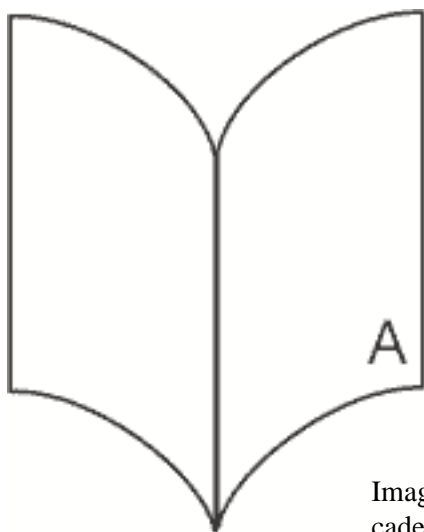


Imagem 01. Exemplo de um caderno “binió” (duas folhas).

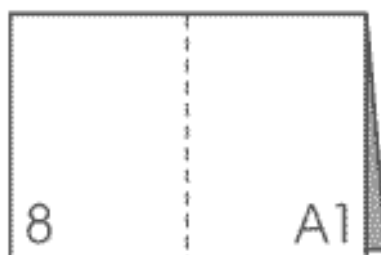
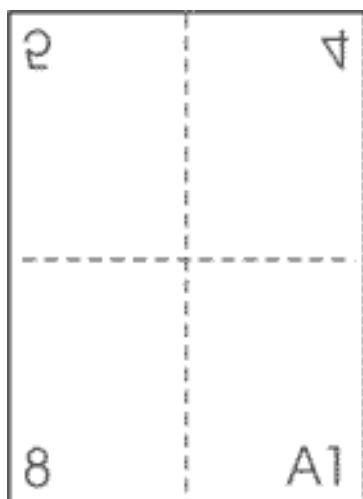


Imagem 02. Exemplo de como se compõe um caderno “quaterno” (quatro folhas)

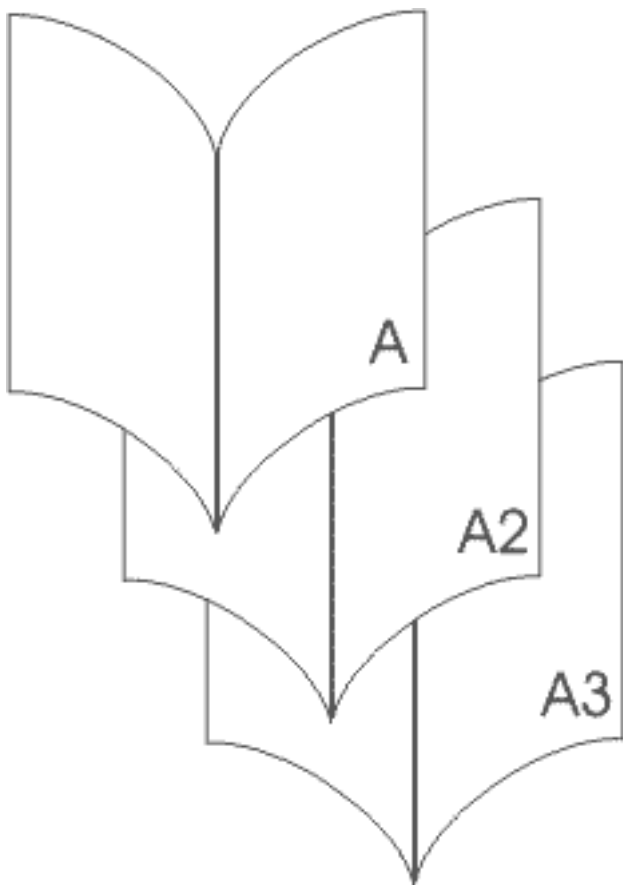


Imagem 03. Exemplo de livro composto de três bifólios. Neste caso, cada bifólio é um caderno.

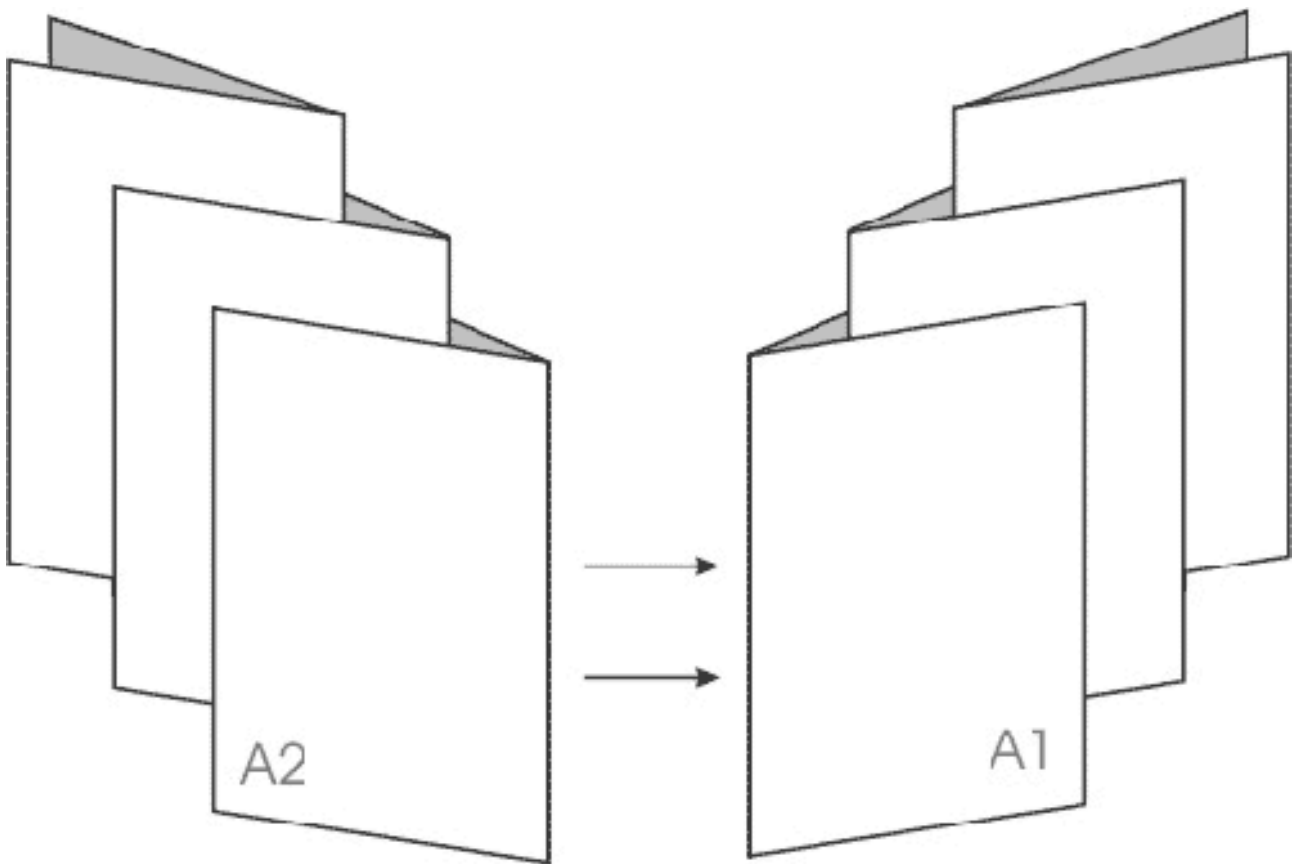


Imagem 04. Exemplo de livro composto por dois cadernos de três bifólios.

O primeiro livro manuscrito foi confeccionado em data não definida, aproximadamente até o século XV d.C. A partir deste século, até aproximadamente 1470, confeccionaram-se os incunábulos, que deixaram de ser usados, e nos dias atuais temos o livro moderno, impresso.

e) A folha como espaço racionalizado: nos primeiros tempos, não havia a concepção de margens para a escrita como atualmente. Hoje trabalhamos com o contraste do preto no branco, isto é, estudamos as melhores medidas para a mancha, com a finalidade de proporcionarmos uma melhor fluência da leitura.

Do período medieval até os primeiros anos da imprensa, a formatação da mancha do texto deu-se de modo que, aparentemente, a margem superior fosse menor do que a margem inferior, pois na última linha havia o reclame, que ocupava um pequeno espaço do canto direito desta linha, acarretando um maior espaço em branco na margem inferior.<sup>4</sup>

Há muito, a margem superior tem sido menor do que a inferior; caso contrário, parecerá que o texto está “caído” na folha, criando uma sensação visual não agradável. No entanto, a margem inferior deve deixar espaço para que o leitor vire a página sem tocar no texto, pois se isso acontecesse, o texto escrito seria deteriorado devido ao manuseio.

f) Incunábulos – do latim *incunabulu*, “berço” –: eram livros publicados antes de 1500. Estes impressos do final da Idade Média tornaram os conhecimentos mais acessíveis, evitando o contato com o manuscrito, o que era raro. Assim como o códice é um antepassado do livro, o incunábulo é um antecessor do livro impresso.

## Os Reclames

São chamadas Reclames as repetições de palavras que se dão ao final de um fólho e no início do fólho seguinte. Uma das utilidades reconhecidas do reclame é indicar a seqüência dos fólhos e adiantar sua leitura. “A ordem, ou como hoje dizemos, a paginação, era indicada por uma abreviação colocada, quase sempre, em baixo da página, mas isso começou tardiamente, no século XIV”.<sup>5</sup> Dizemos que os reclames tinham a função de adiantar a leitura pois, como já referido acima, boa parte dos antigos códices e livros não apresentava o tamanho e o formato atuais. Sendo bem maiores, os livros não eram projetados para ser objetos portáteis e, portanto, tomavam um certo tempo do leitor para virar a página e dirigir os olhos até o início do fólho seguinte, causando uma interrupção da leitura. Consideremos, também, que a tradição era essencialmente oral, assim, essa interrupção na leitura não era agradável.

---

<sup>4</sup> HOUAISS, A. *Elementos de Bibliologia*. São Paulo: HUCITEC/INL/FNPM, 1983, p. 46.

<sup>5</sup> BUENO, F. S. *Estudos de Filologia Portuguesa*. São Paulo: Edição Saraiva, 1954, p.156.

Imagem 05 Exemplo de reclame no livro *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. BARLAEUS, Gaspar. Amsterdam: 1647. Este exemplar não está disponível à consulta pública, pois encontra-se em tratamento técnico.

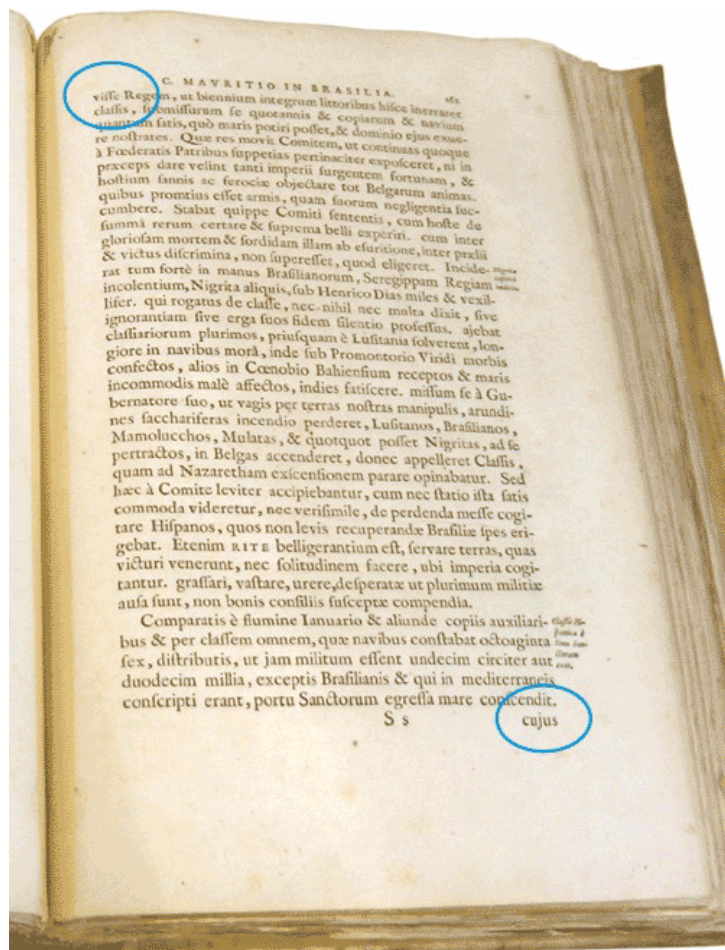
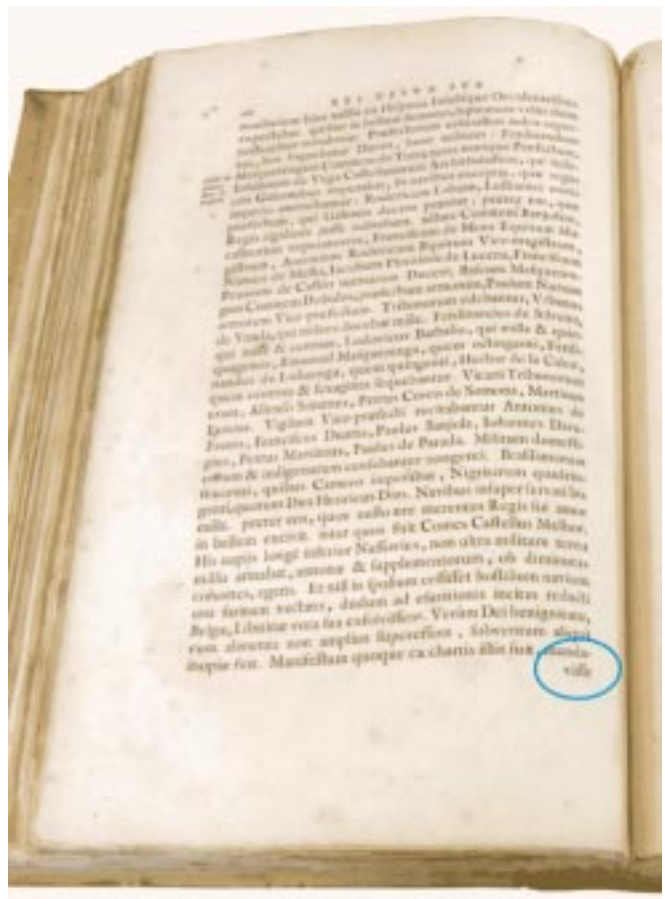


Imagem 06 Exemplo de reclame no livro *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. BARLAEUS, Gaspar. Amsterdam: 1647. Este exemplar não está disponível à consulta pública, pois encontra-se em tratamento técnico.

“O *codex* semelhava-se assim ao livro de hoje; entretanto o livro moderno pode ser de tamanho reduzido, ao passo que o de pergaminho não era dobrado nem cortado em folhas pequenas, o que significa que os códices são livros grandes, in-fólio, isto é, ‘em folhas’, no tamanho da folha.”<sup>6</sup> Tomamos este trecho do Prof. Spina como uma esclarecedora explicação de o porque os livros eram realmente maiores que os atuais.

Entretanto, havia outras maneiras de indicar a seqüência dos fólhos:

- a) o sistema de assinaturas: de tradição romana, aparece quase sempre ao início dos cadernos, apesar de que, em alguns casos, aparece na última página;
- b) a própria numeração, como conhecemos atualmente;
- c) assinaturas e reclames simultaneamente.

Cabe informar que existem reclames horizontais, reclames verticais e reclames oblíquos.<sup>7</sup>

Porém, o fato de não haver nenhum sistema de ordenação entre as páginas de um texto era freqüente no período medieval, pois se afirma que o uso deste elemento técnico está relacionado com os costumes dos copistas, que podiam utilizá-lo com certa independência.

Julgamos que este tema apresenta relevância, uma vez que acreditamos ser um estratagema muito perspicaz usado nos séculos passados e que seria interessante que ainda hoje existisse, pois, muitas vezes, durante uma leitura, um espaço de silêncio ocorre entre a mudança de página. Sem mencionar as possíveis implicações e relações que os reclames podem ter com diversas ocorrências atuais, como os comerciais de rádio e televisão, uma vez que os reclames de TV também são artifícios para ocuparmos um período entre um bloco e outro do programa ao qual estamos assistindo ou ouvindo, assim como os reclames aqui estudados, que também não passam de artifícios para ocuparmos o tempo da virada de um fólho para outro.

---

<sup>6</sup> SPINA, S. *Introdução à Edótica: crítica textual*. São Paulo: Ars Poetica/EDUSP, 1994, pp. 34-35.

<sup>7</sup> DÍAZ, E. E. R. *El uso del reclamo en España (Reinos Occidentales)*. In: *Scriptorium*, 53, 1, Bruxelas, 1999, pp. 3-30.



## **Bibliografia**

- ACIOLI, V. L. C. *A Escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: Editora Universitária UFPE/Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana, 1994.
- AZEVEDO FILHO, L. A. de. *Iniciação em Crítica Textual*. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1987.
- BUENO, F. S. *Estudos de Filologia*. São Paulo: Edição Saraiva, 1954, 1º vol.
- DÍAZ, E. E. R. *El uso del reclamo en España*. In: *Scriptorium*, 53, 1, Bruxelas, 1999.
- HOUAISS, A. *Elementos de Bibliologia*. Rio de Janeiro: INL, 1967, 2 v.
- MARTINS, W. *A Palavra Escrita*. São Paulo: Anhembi, 1957.
- MEGALE, H. *Filologia Bandeirante*. São Paulo: Humanitas, 2001.
- SILVA NETO, S. da. *Textos Medievais Portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.
- SPINA, S. *Introdução à Edótica: crítica textual*. São Paulo: Ars Poetica/EDUSP, 1994.

Autora: Elizangela Nivardo Dias

Mestranda da área de Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.